

# Repórteres com saúde de ferro na fria noite das negociações

Às habituais qualidades que deve ter um profissional da imprensa, seria bom que as escolas de jornalismo acrescentassem uma saúde de ferro. Porque é preciso, quando se trata de cobrir negociações do Brasil com seus credores do Clube de Paris, além da paciência e do conhecimento do assunto, uma resistência física do tipo militar.

A rodada de reescalonamento da dívida pública brasileira, que se encerrou ontem em Paris, custou aos correspondentes dos jornais do país três noites em claro, dois resfriados, doze horas de espera, diversos insultos de porteiros mal-humorados e a frustração de sermos tratados como supostos espões, prováveis terroristas ou ameaçadores famintos do Terceiro Mundo em busca de dinheiro e pão. Parados na calçada, caminhando de um lado para outro, à espera da saída de nossa delegação, passamos uma noite fora do comum, sonhando com praias e clima tropical, enquanto o termômetro baixava para doze graus negativos. O menosprezo com que os credores trataram quem buscava o mínimo sinal de acordo com seu maior devedor mundial — como se espera a fumacinha branca na Praça de São Pedro nas eleições papais — é digno de nota: doze horas consecutivas expostos ao frio excepcional que há mais de duas semanas assola a Europa, pés gelados, botas encharcadas de neve, vento cortante no rosto. Nenhum abrigo ou café quente foi oferecido aos 12 jornalistas que aguardaram pacientemente a saída do Ministro Alencar e seus assessores do Hotel Majestic, atualmente centro de conferências internacionais de Paris,

ex-sede da Gestapo durante a Guerra, que conserva daquele tempo um ar sinistro e um aconchego polar. Apenas foi possível ver que dentro do prédio, aquecidos e bem alimentados, os emissários de Brasília de vez em quando vinham contemplar pela janela o suplício dos caçadores de notícias.

O espetáculo na madrugada, em torno do velho palacete, era surrealista: corridas atrás dos delegados que saíam apressados da sala de negociações ou, como todos eram desconhecidos, abordagem rápida dos motoristas e secretárias. Nem as respostas ríspidas ou secas dos banqueiros europeus foram suficientes para desanimar o grupo de samurais da imprensa brasileira, atentos e inquietos pela notícia que seria ontem a manchete de seus jornais. Em torno do Centro de Conferências não se encontrava nenhum boteco, nem os célebres bares de hotéis onde a mitologia do jornalismo situa sempre os correspondentes, sequer uma sala para esperar sentado ou aquecido. O bairro dos Champs Élysées, numa madrugada fria de janeiro, é um deserto, povoado somente de orelhões eletrônicos, utilizáveis com cartões magnéticos. No meio desta paisagem lunar, quando enfim os bravos jornalistas conseguiram “a notícia” de que saíra acordo, puseram-se a correr na madrugada em busca de táxi, metrô ou um merecido café. Os primeiros operários, as donas-de-casa matinais e os varredores de rua iniciando o trabalho do dia, quando viram tal correrre acreditaram, perplexos, que estavam testemunhando a chegada à terra de novos visitantes do espaço sideral.